

# APRESENTAÇÃO

Por Thomaz Wood Jr.

Professor da FGV-EAESP

E-mail: twood@fgvsp.br

A pensata de Laurent Lapierre, publicada nas páginas seguintes desta edição da *RAE-revista de administração de empresas*, é um manifesto e um panfleto. Isso, entretanto, não a torna menos merecedora de atenção. O conhecido professor da HEC de Montreal exprime uma sensação que se torna mais e mais comum: o desconforto com o avanço da linguagem e dos princípios de gestão empresarial além do mundo corporativo, por todas as dimensões da vida humana, e a insatisfação com o papel das escolas de gestão nesse processo e na formação de quadros profissionais. Lapierre fala de resistência e recusa, e toma como inspiração a “Revolução Tranqüila”, movimento de massa, ocorrido na província de Quebec nos anos 1960, que liberou a sociedade do jugo da religião e mudou profundamente as relações sociais e as instituições.

O autor também critica o modelo de professor sem vivência prática, que vive cercado de teorias herméticas, e chama a atenção para o fato de ser a profissão de gestor uma das únicas que se pode ensinar sem jamais tê-la praticado, condição que certamente seria inconcebível na medicina, advocacia e até mesmo nas artes. Ele demonstra seu desgosto com o modelo de escola de pesquisa, isolada do mundo real, a incentivar seus pesquisadores a desenvolver trabalhos de

grande rigor e pouca relevância, destinados unicamente a serem veiculados em revistas especializadas e orientados para uma comunidade composta exclusivamente por outros pesquisadores.

Lapierre é mais uma voz conhecida a se manifestar contra o estado das coisas nas escolas de negócios. De fato, uma permanente crise de identidade parece cercá-las desde o seu surgimento, no final do século XIX.

O observador pouco atento que folhear as páginas das revistas de negócios provavelmente chegará à conclusão de que se trata de um campo forte e vibrante. Certamente não passarão despercebidos os anúncios de programas executivos e MBAs prometendo “a chave para o futuro”, “um verdadeiro processo de transformação pessoal” ou a “porta de entrada para o seletivo grupo de profissionais globalizados”. De forma análoga, aquele que examinar sem se aprofundar as revistas e os congressos científicos provavelmente colherá a impressão de vigor e crescimento.

Entretanto, nos últimos anos, o coro crítico tem incluído nomes acima de qualquer suspeita, tais como Henry Mintzberg, Jeffrey Pfeffer, Warren G. Bennis e Sumantra Ghoshal. Ou seja, não se trata de críticas originadas de correntes alternativas ou minoritárias. Elas vêm da própria corrente central da academia internacional.

Cabe notar que o grupo de críticos não é monolítico. De um lado, concentram-se críticas ao modelo de ensino, que seria ineficaz, e até desastroso, na formação de gerentes. Os propositores de tal perspectiva, que tem como foco os MBAs, advogam que tais programas formam “atores” prontos a reproduzir discursos e seduzir platéias corporativas, porém incapazes de realizar trabalho real. Alguns defendem que o impacto de um programa de um MBA sobre a carreira profissional é pífio ou nulo. Outros mencionam a influência perversa que os programas têm sobre os valores dos estudantes, levando-os a práticas excessivamente instrumentais e voltadas para o curto prazo, temerárias e de impacto social negativo.

Tais críticas são complementadas pelos representantes dos Estudos Críticos em Gestão e da Educação Crítica em Gestão. Os pesquisadores filiados a tais correntes centram seu foco na visão dominante da educação como negócio e na excessiva “mercadorização” do ensino de gestão. Eles criticam ainda a transformação do aluno em cliente e espectador, a propensão a modas e modismos e a incapacidade do ensino em dar conta da complexidade do mundo corporativo atual.

A visão apresentada por Lapierre parece se inspirar nesses dois grupos. Seu texto abrange tanto os aspectos de efetividade do processo de ensino

e aprendizado, e seu modelo subjacente de professor, quanto a questão dos valores. Sua contribuição se soma a outras iniciativas da *RAE-revista de administração de empresas*, que vem publicando há alguns anos artigos e ensaios tratando do tema.

O Brasil, como se sabe, vem reproduzindo de forma peculiar o fenômeno do crescimento da educação em gestão. Na década de 1990, em particular, houve uma explosão de programas de graduação e de educação executiva. Em paralelo, cresceu também espetacularmente o número de eventos e de publicações científicas. São notícias positivas, que não devem, entretanto, ser vistas sem reservas.

No âmbito da educação em gestão, a diversidade e a criatividade propiciaram o surgimento de alguns programas sérios e inovadores, porém ainda pequenos e de repercussão modesta. De forma geral, o crescimento se deu pela ampliação dos programas de graduação, uma opção peculiar e duvidosa, e pelo crescimento dos programas executivos.

Alguns observadores percebem as escolas brasileiras como dutos perfeitos colocados após o funil do vestibular. Tais dutos não interferem de forma alguma no conteúdo (os alunos), mas apenas os conduzem até a saída, quando serão eventualmente socializados, “adestrados” e capacitados pe-

las empresas, por meio de programas de *trainees* ou iniciativas similares. As escolas privadas são, em geral, primitivas, em função da preparação restrita dos professores, da prática de cargas excessivas de aula, da ausência de projetos pedagógicos consistentes, da falta crônica de renovação do conteúdo e da inexistência de um “contrato de aprendizagem” entre professores e alunos. Em função dessa última condição, permanece uma relação frágil, na qual um grupo vê o outro como oponente, e que dificulta a aprendizagem. As escolas públicas, por sua vez, enfrentam problemas crônicos de má gestão e “esclerose”, muitas delas constituindo arenas políticas imobilizadas pela força de alguns grupos de interesse e incapazes de mudar ou avançar.

No campo da formação executiva, a sigla MBA se transformou em embalagem sem substância. Para viabilizar comercialmente seus modelos, as instituições promotoras parecem recorrer a uma curiosa mistura, que contempla padronização de conteúdos, aulas-shows (para entreter os alunos-cliente), palestras com profissionais de mercado e “atividades lúdicas”.

No âmbito da pesquisa e publicação, o Brasil caminha pela metade da década de 2000 como iniciou a década de 1990. Apesar do crescente volume produzido, nossa pesquisa continua periférica, pouco rigorosa e tam-

bém pouco relevante para a prática gerencial. São notáveis os esforços para o desenvolvimento metodológico, porém são ainda tímidas as iniciativas voltadas para a questão da relevância. Com isso, as publicações internacionais de autores locais continuam praticamente zeradas (sinal de baixo rigor) e o impacto sobre a prática local mantém-se restrito a casos esporádicos (sinal de baixa relevância). Nossa pesquisa é sustentada pelos fatores criticados por Lapierre e outros autores. Na verdade, apenas servem o propósito de alimentar a carreira dos próprios pesquisadores.

Tanto no plano internacional quanto no plano local, a disseminação de perspectivas críticas não tem sido suficiente para provocar grandes mudanças. Até aqui, a lógica comercial restrita que move a gestão das escolas e a lógica instrumental, igualmente restrita, que move a produção científica têm prevalecido. De fato, parece haver um grande esforço para consolidá-las. Enquanto isso, o país real permanece mal gerido, pouco competitivo e incapaz de fazer frente a sua própria realidade. Se simpatizarmos com manifestos como o de Lapierre, devemos, como primeira medida, nos esforçar para compreender nosso estranho “sistema imunológico”, que nos mantém atados a nossos pequenos ciclos viciosos, nos impedindo de perceber a realidade ao redor.

Artigo convidado. Aprovado em 29.08.2005.